



## SUBVERSÃO E HOMOLIRISMO NA POÉTICA PIVIANA

### *SUBVERSION AND HOMOLYRISM IN PIVA'S POETRY*

Magno da Guarda Almeida (UFAL)<sup>1</sup>

Humberto Soares da Silva Lima (UFAL)<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente trabalho se debruça de maneira introdutória sobre a poesia lírica de Roberto Piva (1937-2010), com foco na obra *Abra os olhos & diga ah!* (1975). O objetivo é refletir sobre a condição estética e ética da persona poética, que intitulo homoflaneur, em diálogo com o conceito de flâneur (Benjamin, 1989) e flâneuse (Elkin, 2022). A realização amorosa e sexual dessa figura atravessa o contexto urbano e edifica uma poética transgressora que reconfigura e ressignifica a ideia de poder (Foucault, 1999), enfatizando sua atuação como força questionadora e combativa aos padrões comportamentais, sexuais e religiosos hegemônicos e institucionalizados em nossa sociedade. Este trabalho investiga a figura do sujeito homolírico na poesia de Piva, analisando como *Abra os olhos & diga ah!* se relaciona com o conceito de Homoflaneur. O homoflaneur de Piva é um corpo que caminha pela cidade em busca de encontros homoeróticos, ressignificando o espaço urbano como um território de liberdade sexual e resistência. Em pleno Brasil da ditadura militar, o corpo homoerótico emerge como uma figura subversiva, desafiando as normas repressivas impostas pelo regime. A pesquisa examina como Piva transforma a cidade e o desejo em uma poética que questiona as estruturas de poder, utilizando o corpo como uma ferramenta de transgressão e resistência. Além das características pós-modernas de sua obra, como a fragmentação e a intertextualidade, o estudo também considera como sua poesia se alinha com as discussões sobre identidade e desejo em um contexto autoritário.

**Palavras-chave:** Roberto Piva. Homoflaneur. Homoerotismo. Poesia brasileira. Corpos subversivos.

**Abstract:** This paper provides an introductory examination of the lyrical poetry of Roberto Piva (1937-2010), focusing on the work *Abra os olhos & diga ah!* (1975). The objective is to reflect on the aesthetic and ethical condition of the poetic persona, which I term homoflaneur, in dialogue with the concepts of flâneur (Benjamin, 1989) and flâneuse (Elkin, 2022). The amorous and sexual realization of this figure traverses the urban context and establishes a transgressive poetics that reconfigures and re-signifies the

---

<sup>1</sup> Professor de Literatura da rede de ensino particular de Maceió, poeta Mestre e Doutorando em Estudos Literários, pelo Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura (PPGLL), da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Bolsista FAPEAL. E-mail: [magnoalmeida.al@gmail.com](mailto:magnoalmeida.al@gmail.com)

<sup>2</sup> Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT) de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Alagoas (IFAL), campus Piranhas. Doutorando e Mestre em Linguística, na linha de Linguística Aplicada, pelo Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura (PPGLL), da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Membro do Grupo de Estudos Discurso, Ensino e Aprendizagem de Línguas e Literaturas (GEDEALL/UFAL/CNPq). Voluntário do Centro de Acolhimento Ezequias Rocha Rego (CAERR): primeiro centro de acolhimento às pessoas LGBTTTQQA+, em situação de vulnerabilidade, de Alagoas. E-mail: [letrasbeto@gmail.com](mailto:letrasbeto@gmail.com)



idea of power (Foucault, 1999), emphasizing its role as a questioning and combative force against hegemonic and institutionalized behavioral, sexual, and religious norms in our society. This work investigates the figure of the homolírico subject in Piva's poetry, analyzing how *Abra os olhos & diga ah!* relates to the concept of Homoflaneur. Piva's homoflaneur is a body that wanders through the city in search of homoerotic encounters, re-signifying urban space as a territory of sexual freedom and resistance. In the midst of Brazil's military dictatorship, the homoerotic body emerges as a subversive figure, challenging the repressive norms imposed by the regime. The research examines how Piva transforms the city and desire into a poetics that questions power structures, utilizing the body as a tool of transgression and resistance. In addition to the postmodern characteristics of his work, such as fragmentation and intertextuality, the study also considers how his poetry aligns with discussions of identity and desire in an authoritarian context.

**Keywords:** Roberto Piva; Homoflaneur; Homoerotismo; Poesia brasileira; Corpos subversivos.

## INTRODUÇÃO

Para Roberto Piva que carrega em sua poesia elementos do surrealismo, erotismo, sempre conectados a uma forte crítica social, afinal “toda autoridade/ é cômica” (Piva, 2023, p. 217), suas palavras adquirem certa dimensão que desafia a política tradicional e suas instituições, ao elevar os desejos além do pessoal, alcançando o âmbito público. O homolírico, então, se enxerga como uma “MODESTA CRIATURA CIDADÃO DE UM/ [MUNDO / EM CHAMAS” (Piva, 2023, p 148).

Esse homolírico em chamadas, explorado nesta discussão de várias maneiras (é crucial ressaltar), ressoa profundamente em nós, por nossas vivências de homens cis gays. Estamos todos imersos em “chamadas”, seja na vivacidade e continuidade do ser ou em sua descontinuidade (Bataille, 2017). Não apenas experimentamos, mas também lutamos fervorosamente pela concepção de sujeitos e corpos livres. O poema piviano tece a sua atmosfera nevrálgica e inebriante, disposto por diversas camadas e vai nos constituindo de vários modos, nos elevando à categoria de humano e, por isso, assim, nos escrevendo, correspondendo-se com novas abomináveis certezas e incontáveis dúvidas. O poema move o corpo e nós, somos um corpo (não o temos) jogado no mundo pronto para absorver.

Nomeamos o homolírico piviano de homoflaneur. Esta categoria que lançamos aqui neste estudo inicial, tem origem no flâneur, um indivíduo caminhante que atravessa e é atravessado pela



cidade, bastante presente nos estudos romanescos, mas pouco expressivo, até onde temos o conhecimento, a partir de nossas pesquisas, nos estudos do verso:

Do verbo francês *flâner*, o *flâneur*, “aquele que vagueira a esmo”, nasceu da primeira metade do século 19, nas passagens de Paris recobertas de aço e vidro. [...] figura de privilégio e ócio [majoritariamente, até então] masculino, com tempo e dinheiro e nenhuma responsabilidade imediata que demande sua atenção [...]. Cada esquina, cada viela, cada escada é capaz de mergulhá-lo em um devaneio. O que aconteceu aqui? Quem passou por aqui? O que significa esse lugar? (Elkin, 2022, p. 11).

Independentemente de onde esteja sendo investigado, até então sempre foi pensando como um corpo que performa a heterossexualidade, tanto masculino, com os contributos de Baudelaire (2008), Walter Benjamin (1989); quanto o feminino, com os estudos de Lauren Elkin (2022). Primeiramente, refletiremos sobre a poética piviana e seus desregramentos e em consonância, pensaremos sobre a existência desse homoflaneur pois, é a partir de dados e especificações dessa poética que comporemos a ideia que norteia o homolírico.

Em Piva, estamos diante de uma trajetória poética marcada pela necessidade da transcendência e de uma constante transgressão à normatividade, sustentada, afirma Alcir Pécora (2023, p. 25), pelo “[...] discurso amoroso que escancara experiências homossexuais interditas no âmbito do conservadorismo cristão que preside as relações sociais burguesas”. Logo, a abordagem da sexualidade é uma característica marcante em sua obra, pois o poeta, desafia convenções, revelando a libido como uma força primordial que impulsiona o ser humano em dimensões sociais e políticas, uma espécie de “[...] onipotência afirmativa do sujeito contra a tradição autoritária” (Bosi, 2021, p. 286), uma vez que estamos diante de uma poesia que foi construída sobre a “[...] idealização de um tempo de disposição para a vida comunitária, o amor livre, os protestos coletivos e a experimentação artística” (Bosi, 2021, p. 286).

## DESENVOLVIMENTO

A poética piviana assemelha-se a uma jornada de descoberta, caracterizada por exercícios delirantes e nonsense como em *Paranoia* (1963) e *Piazzas* (1964). Posteriormente, em trabalhos como *Abra os olhos & diga Ah!* (1975), *Coxas* (1979), *20 poemas com brócoli* (1981) e *Quizumba*



(1983), o poeta experimenta temas como o amor, a sexualidade e o homoerotismo abertamente, explorando estados de consciência alterados, abrindo caminho para novos significados que fogem da lógica tradicional, com um tom cada vez mais surrealista. Finalmente, no término dessa jornada poética, emergem intuições visionárias e espirituais em obras como *Ciclones* (1997) e *Estranhos Sinais de Saturno* (2008).

Na obra *corpus* deste estudo ainda introdutório, o poeta concentra-se na representação de uma escrita madura, elogiada por Pécora (2023) como a mais exuberante de sua produção. Ele se dedica à criação de poemas que celebram o amante efebo, cuja posse física muitas vezes é um mistério que se torna o ponto focal do canto lírico, “[...] uma vez que o discurso amoroso de Piva se constrói centrando substancialmente na energia do corpo, que sempre tem mais o que desejar” (Pécora, 2023, p. 26).

As questões apontadas por Pécora (2023) são percebidas nos primeiros versos da obra “(MEU AMOR DORME & SE COÇA EM SONHOS SE DEBATE & GEME/ SE DEBATE & GEME SE DEBATE & GEME) [...]” (Piva, 2023, p. 150), em que o envolvimento de caráter sentimental e sexual com o efebo configura-se como êxtase amoroso. Aqui, o verso livre, o uso de imagens poéticas e a tensão entre o prazer sensual, sexual e a opressão empreendida por um sistema “TOTEM KAPITALISTA” (Piva, 2023, p. 147) perpassam os poemas impulsionando o discurso lírico, priorizando a expressão sobre o ato político da transgressão, e ressignificando a atração pela desordem, conforme manifesto da primeira fase da poesia de Piva: “[...] só a desordem nos une. Ceticamente, Barbaramente, Sexualmente”. (Piva, 2023, p. 133). O discurso lírico piviano, por sua vez nos leva à reflexão sobre os desregramentos de sentidos que perpassam a ordem das subversões e questionamentos de poder. Para tal, como sugere Michel Foucault, em *História da sexualidade I: a vontade de saber*, implicando que é necessária “[...] uma transgressão das leis, uma suspensão das interdições, uma irrupção da palavra, uma restituição do prazer ao real, e toda uma nova economia dos mecanismos do poder”. (1999, p. 5).

Para auxiliar na investigação sobre esses corpos que enformam e atravessam os poemas, refletimos sobre as interfaces corpo ético e estético/interior e exterior, uma vez que, conforme Bakhtin (2011, p. 48), o “[...] corpo interior é o meu próprio corpo, pensado de dentro de mim,



enquanto o corpo exterior é o corpo do outro, localizado fora de mim”, relações essas que, diretamente, associamos a esse homoflaneur ao passo que se envolve com os efecos e outros corpos. Além de Bakhtin, há o filósofo alemão Walter Benjamin (1989) que nos auxilia na conceituação desse homolórico que, ao travar relação com o mundo, através do próprio corpo, transforma-se num *flâneur* que passeia pela cidade de São Paulo, à noite, desbravando o cenário urbano e seus mistérios na busca da realização amorosa e sexual com os efecos.

Aponta Pécora, que o poeta reflete a angústia, os desejos e as contradições da metrópole e daqueles que a habitam, tornando-se ele mesmo uma espécie de “*flâneur*” (Pécora, 2023, p. 18). É importante ressaltar que Piva parece participar de uma tradição da poesia moderna que liga o poeta à experiência urbana, mas que se transforma através dele e nele. Seu eu lírico *flâneur* é um corpo performático na cidade, logo, essa relação corpo-cidade-poesia torna-se parte experimental de sua poética.

No tocante a essa tradição da poesia moderna, associada à experiência urbana da qual se insere Roberto Piva, aqui no Brasil, percebemos algumas conexões com o poeta francês Baudelaire. Renomado autor de *As Flores do Mal*, foi não apenas poeta, mas também um crítico de arte fundamental para o século XIX, destacando a importância de uma crítica apaixonada e politicamente engajada, essencial para compreender os desafios da modernidade.

De acordo com Benjamin (1989), influenciado pelos estudos de Charles Baudelaire, o *flâneur* é uma figura urbana observadora que se destaca pela sua capacidade de absorver e refletir sobre a vida nas ruas da cidade moderna. Inspirado no dândi, o *flâneur* é alguém que vagueia sem um destino fixo, imergindo na multidão, nas vitrines das lojas, nos cafés e nas passagens cobertas. Ele é um espectador solitário que transita entre o anonimato e a contemplação, capturando as impressões fugazes da vida urbana e transformando-as em experiências estéticas e poéticas. O *flâneur* baudelaireano personifica o espírito da modernidade, navegando entre a alienação e a exaltação, entre a melancolia e o êxtase. Ele é um herói romântico em um mundo em rápida transformação, cuja busca por significado e beleza o leva a vagar pelas ruas como um poeta da vida cotidiana.



No seu trabalho *Flâneuse: Mulheres Caminham pela Cidade em Paris, Nova York, Tóquio, Veneza e Londres*, Lauren Elkin (2022) aborda o conceito de flâneuse como uma figura feminina que percorre a cidade, observando e absorvendo a vida urbana ao seu redor, uma contraparte feminina do flâneur, um termo historicamente associado aos homens cis hétero que exploram a cidade de maneira contemplativa e despreocupada. Elkin (2022) destaca que a flâneuse não só caminha pela cidade, mas a vivencia, desafiando as normas de gênero e reivindicando seu espaço público. Essa perspectiva reconhece e valoriza o papel das mulheres na vida urbana, contribuindo para uma compreensão mais ampla da cidade e de suas dinâmicas sociais. Experiência que se assemelha e se relaciona intimamente com a do homoflaneur na poesia de Piva, refletindo a busca por expressão e presença na cidade, ocupando os espaços com liberdade, desejos e tantas outras marcas sociais que moldam essa figura, de acordo com a sua expressão de gênero.

No encontro entre as reflexões de Walter Benjamin (1989) sobre o flâneur e o conceito contemporâneo de flâneuse de Lauren Elkin (2022), surge uma interessante interseção que lança luz sobre a experiência urbana feminina e masculina. Enquanto Benjamin descreve o flâneur como um observador solitário, imerso nas ruas da cidade, absorvendo sua atmosfera e estímulos, Elkin expande essa ideia incluindo a perspectiva feminina, destacando a presença das mulheres nos espaços urbanos. Nesse contexto, propõe-se explorar um outro tipo de flâneur que transcende as categorias tradicionais de gênero: o homoflaneur. Em contraste com suas contrapartes tradicionais, pode ser entendido também como um observador urbano que percorre as ruas de São Paulo na década de 1970, em busca não apenas de estímulos estéticos, para a composição de suas experiências poéticas, mas também de experiências homoafetivas e amorosas dentro dos interesses, não como um espectador distante, mas como uma figura marcante na construção de espaços que localizam a cultura LGBT+

Ao longo dos seus livros, percebe-se claramente a citação, a presença de diversos pontos famosos de São Paulo, tais como a Praça da República, o Copan, prédio famoso criado por Oscar Niemayer, o Largo Arouche, Praça Roosevelt, como no verso de um dos poemas de *Quizumba* “menino loiro materializado/ na praça Roosevelt” (Piva, 2023, p. 233) e outros nomes, citados ao longo de seus poemas. Assim, o homoflaneur caminha pelas ruas da metrópole, procurando



conexões e encontros significativos em meio às tensões sociais e políticas da época. Sua jornada não é apenas uma exploração estética, e aqui temos um ponto de semelhança entre as suas contrapartes, mas também uma busca por pertencimento e afirmação de identidade em uma São Paulo em transformação.

O Homoflaneur está presente desde a primeira obra publicada por Piva, como espelhamento, de alguma maneira, da própria vida do poeta, como aponta o jornalista Thomaz Souto Corrêa, ao apresentar o escritor em 1963, no texto de abertura do livro *Paranoia* (1963), como um “poeta com cara de menino que atravessa a cidade. Puxando a juventude” (2023, p. 51). Logo, esse “poeta com rosto de menino”, jovem *flâneur*, indivíduo inconformado, que percorre a cidade desenhando um mapa de desejos, concentra em sua subjetividade o poder da transgressão.

Benjamin afirma que “a rua se torna moradia para o flâneur” (1989, p. 35). Experiência semelhante à do sujeito homopoético piviano que, para além dessas questões apontadas por Benjamin, intenciona a busca por prazer, amoroso e/ou homossexual. O termo homoflaneur refere-se então a alguém que explora a cidade, observando com atenção as experiências da comunidade LGBTQ+, incluindo interações sociais, vida noturna, questões de identidade de gênero e orientação sexual, como afirmamos acima. O palco dessa persona na grande São Paulo da década de 1970 é a noite. É na noite que atravessa a poética piviana presente em boa parte dos poemas da obra *corpus* desta pesquisa, como vemos no poema:

- v. 1 eu sou o jet set do amor maldito
  - v.2 DENTRO DA NOITE & SUAS CÓLICAS ILUMINADAS
  - v.3 os papagaios da morte com Aristóteles na proa do trovão
  - v.4. DISPOSIÇÃO DE IR À DERIVA NOS DADOS DO AMOR
  - v.5 espinafre pela manhã & queijo em pasta
  - v.6 almas-esportivas com flores entre os dentes
  - v.7 minha laranja se abrindo como uma porta
  - v.8 TUA VOZ É ETERNA eu vejo a mão cinzenta rasgar
  - v.9 a parede do mundo
  - v.10 ESTAMOS DEFINITIVAMENTE NA VIDA
- (PIVA, p. 143, 2023)



O poema apresenta, no v.1, um homo eu lírico como alguém que leva uma vida glamourosa e hedonista, mas carrega marcas de desgraças amorosas, pelos termos “jet set”, que sugere uma associação com um estilo de vida privilegiado da elite econômica e o “do amor maldito”, que indica uma existência intensa, marcada por emoções extremas e experiências profundas, mas também por desencanto, similar aos poetas românticos do século XIX. Adiante o poema vai evocando uma atmosfera noturna e misteriosa, — marca, da poética piviana e, em especial, da obra corpus, como já mencionado — com referências a “noite” e “cólicas iluminadas”, no v.2, criando uma sensação de desconforto ou inquietação.

Assim, leva-nos a analisar que os elementos antes citados nos evidenciam um andarilho, uma tradução possível para o flâneur, logo, homoflaneur, mapeando formas de encontrar, na noite paulistana, algum encontro homoerótico, com as referências, no v.6: “almas-esportivas com flores entre os dentes”, evocando uma atmosfera de desejo e sensualidade, especialmente por efetivar com “almas-esportivas” a possibilidade de algum sentido ligado a ideia de corpos musculosos, definidos, padronizados. Por fim, outra forte evidência desse homoflaneur é apresentado como alguém que se move pela cidade à noite, absorvendo suas impressões e experiências, sugerido pelas referências a “ir à deriva nos dados do amor”, estando definitivamente na vida, como marca o último verso, evocando uma atitude de desprendimento e exploração. Em suma, o poema em questão combina elementos que podemos exportar para o campo do homoerotismo, surrealismo e crítica social, formalizando assim, uma narrativa complexa e multifacetada que nos instiga enquanto leitores de sua obra a explorar uma rede de plurissignificações e experiências evocadas pelo poema.

Para Benjamin, o flâneur desempenha um papel crítico na análise da sociedade capitalista em ascensão e aponta Baudelaire como um “[...] arquétipo do flâneur, alguém que incorporou essas características em sua poesia e vida” (1989, p. 29). Ele é essencial para compreender a relação entre a experiência urbana, a literatura e a modernidade, especialmente nas cidades em transformação durante o auge do capitalismo do século XIX. Em seus estudos sobre a flâneuse, Lauren Elkin (2022) expõe questões primordiais para refletirmos sobre o flâneur e a flâneuse, como, por exemplo, quando Edgar Allan Poe, ao questionar se o flâneur segue ou é seguido?, no conto “o homem na multidão”; em Gustav Flaubert, que vai refletir sobre a sensação pessoal da falta de



traquejo social do flâneur e que este estava associado a uma ideia de um “policia”, no séc. XIX; em *Nadja*, famosa obra de André Breton, há a indagação “diga-me quem você segue e lhe direi quem você é”; no Quebec, segundo um amigo da autora, flâneur é lido e entendido como uma espécie de vigarista.

Isso tudo nos remete a enxergar uma questão importantíssima para pensarmos o nosso homoflaneur, a partir, mas não somente da poética piviana, como em outras possíveis aparições, nas crônicas jornalistas de João do Rio, escritor brasileiro e, quiçá, as primeiras marcas da presença de um homoflaneur no país, em *A alma encantadora das ruas* (2012), ou em algumas passagens das narrativas presentes em *Tripé do tripúdio e outros contos hediondos* (2011), do poeta Glauco Mattoso, ou ainda, nos personagens gays dos contos de Tobias Barretos, no livro *As coisas* (2018), que a ideia de flâneur pode variar de acordo com aspectos sociais e culturais, como já apontou Elkin (2022) ao introduzir a figura da flâneuse nos estudos literários, percebemos que, para o Brasil, bem como qualquer outro lugar do mundo, essa concepção de flâneur e flâneuse adquire contornos específicos, influenciados pelas dinâmicas urbanas, históricas e sociais, constituintes que moldam todos nós sermos humanos.

Para Elkin, o flâneur atua como um observador e, ao mesmo tempo, é objeto de observação, captando as projeções de diferentes épocas. Ele emerge de acordo com nossos desejos e necessidades. A ideia de flâneur possui suas próprias contradições internas, embora muitas vezes não as reconheçamos ao debater sobre ele. “Achamos que sabemos e o queremos dizer, mas não sabemos. O mesmo pode se aplicar à flâneuse”. (Elkin, 2022, p. 19). É a partir da abordagem de Elkin, que podemos conceber o homoflaneur de maneira análoga à flâneuse, expandindo a figura do flâneur para incluir experiências LGBTQ+. Homens cis gays (especificamente, porque é dessa maneira que o homoflaneur em Piva se reconhece, a partir da análise dos poemas) ocupam os espaços urbanos de diversas maneiras, porém há preocupações com segurança, dada a violência contra as pessoas LGBTQ+. Nesse contexto, os interesses do homoflaneur, sejam eles homoeróticos, sexuais, amorosos ou não, variam conforme diferentes questões e contextos, sem se limitar a um único enfoque.



A alegria e intenções variadas de andar pela cidade devem pertencer igualmente a homens e mulheres, cis ou transgêneros, gays, lésbicas e todos aqueles que se identifiquem e apropriem-se da sigla LGBTQ+. Lauren Elkin ao defender e conceituar uma ideia de flâneuse, expõe que “sugerir que seria impossível existir uma versão feminina do flâneur é limitar as formas de intenção das mulheres com a cidade ao modo como os homens interagem com ela”. (Elkin, 2022, p. 20). Analogamente às mulheres cis heterossexuais, que foram e são restringidas em sua liberdade pelo patriarcado, o homoflaneur, figura homossexual, também enfrenta limitações em suas expressões e liberdade. Portanto, é crucial entender o significado dos passeios pela cidade para essa figura lírica homossexual na obra de Piva, associando-a à figura feminina apresentada por Elkin, porque “a resposta talvez não consista em tentar encaixar a mulher [e o homem cis gay, no caso do homoflaneur] num conceito masculino, mas sim em redefinir o próprio conceito”. (2022, p. 20).

O homoflaneur, enquanto persona lírica, subsidia-se nas relações amorosas e sexuais, de forma provocadora e poética, como uma marca do poeta. Subverte padrões e desafia convenções, expondo a libido como o instinto fundamental do ser humano, uma espécie de “energia movente de Eros” (Bataille, 2017, p. 48), pois a relação “entre erotismo e poesia é tal que se pode dizer, sem afetação, que o primeiro é uma poética corporal e a segunda uma erótica verbal” (Paz, 1994, p. 12). Percebe-se na poética piviana que “o poeta celebra a sexualidade como força vital e emancipadora” (Pécora, 2023, p. 27), distante dos discursos de controle e dominação, um exemplo disso está nos versos do poema intitulado “intermináveis-exterminável”, em que declara o eu lírico ao seu amado: “garoto triste a orgia te espera/ com cactos de veludo/ antes que a noite se esborrache/ eu quero ver tuas / coxas na / televisão estrelada” (Piva, 2023, p. 152).

Ao longo dos dezoito poemas relativamente curtos contidos no livro de 1975, percebe-se em quase todos a presença dessa persona poética homoflaneur celebrando a sexualidade como força que emancipa, questiona e edifica a construção lírica de Piva que o libera das amarras do mundo, através de seu trabalho com a linguagem, afinal “[...] a língua poética adquire o caráter de um experimento, do qual emergem combinações não pretendidas pelo significado, ou melhor, só então criam o significado” (Friedrich, 1976, p. 16-17).



Nos primeiros versos de *Abra os olhos & diga ah!* há uma espécie de experiência multifacetada de sentidos, que já traz no próprio título elementos que podem nos levar a essa leitura: abrir os olhos (enquanto o sentido ligado à visão) e dizer *ah!* (sentido ligado à fala, logo à boca, mas também à audição, com a relação entre som e escuta). Tal experiência trazida pelo título situa a ideia inicial de desregramento de sentidos (Rimbaud, 2020) com a possibilidade de se explorar a visão e a boca, através do som, com a interjeição “Ah!”, geralmente utilizada em nossa língua para expressar, de muitas maneiras, sensações e emoções, transmitindo um determinado estado de espírito. Além da exclamação, que na gramática normativa da língua portuguesa desempenha a função de expressar surpresa, admiração, entusiasmo, choque, emoção ou ênfase.

Assim, temos como versos do primeiro poema: “OS OLHOS DO MEU AMANTE OS OLHOS DO MEU AMANTE (...)” (Piva, 2023, p. 142). É evidente que o tema do amor de forma alguma será marcado por uma postura passiva, de mera contemplação por parte do sujeito homopoético, e isso é evidenciado no poema de abertura do livro de 1975. Aqui, observa-se, com considerável intensidade repleta de desejo e vitalidade compartilhada com o amante, a marca desse corpo, também na repetição do pronome possessivo MEU no verso em maiúscula. Este recurso estilístico dá-se por “[...] influência do poeta beat Michael McClure, que também usava esse recurso para realçar versos” (Cohn, 2012, p. 36). Essa característica está presente em vários poemas, onde a repetição de versos com pronomes pessoais ou palavras com conotação amorosa e/ou sexual sugere que o sujeito homopoético assume o controle da posse do outro.

Segundo Cohn (2012), no livro de 1975, a homossexualidade é celebrada com grande liberdade e beleza, característica presente ao longo dos poemas que compõem a obra *corpus*. Nota-se essa relação amorosa e primordialmente sexual entre o efebo e o homolírico no poema abaixo:

O ANJO NO BANHEIRO AMANDO A COMUNA DE PARIS DEIXA-SE  
FOTOGRAFAR COMENDO UMA FRUTA-DO-CONDE  
eu me preparo para estas cidades sem limites  
o deserto & suas línguas trepidantes  
marchas de samurais atentos nos pântanos longe sem sair do lugar  
(AMO TUA BOCA DEVASTADA POR FUMAÇAS DIABÓLICAS)  
uma rosa na ponta dos olhos uma rosa em tua boca errante  
meus olhos fixos na fonte do paraíso  
(PIVA, 2023, p. 144).



Para homolírico, as relações sexuais são essencialmente basilares para a construção do seu discurso lírico, uma vez que temos no livro *corpus* a celebração do prazer e a vida que chega a beirar uma espécie de quase morte, como no sexto verso do poema acima: “(AMO TUA BOCA DEVASTADA POR FUMAÇAS DIABÓLICAS)”. Para Georges Bataille (2017, p. 47), “[...] toda a atividade do erotismo tem por fim atingir o ser no mais íntimo, no ponto onde ficamos sem forças”, e a delicada fronteira que separa a existência da morte, presente no poema, o desconforto do contentamento e o que é moralmente correto do que é errado, inicialmente parecem ser conceitos antagônicos.

Contudo, pensar em desregramento de sentidos, uma expressão frequentemente associada ao poema "O Barco Bêbado", do poeta francês Arthur Rimbaud, na obra de Piva, é se utilizar de uma de suas falas mais famosas, a de que “só acredito em poeta experimental que tenha vida experimental” (Piva apud Cohn, 2012, p. 44), e quando elucida que “em matéria de revolta eu não preciso de antepassados. A minha vida tem sido uma permanente insurreição contra todas as Ordens. Sou uma sensibilidade antiautoritária atuante.” (Piva apud Cohn, 2012, p. 44). Em diálogo com Bosi (2021), acerca da poesia brasileira da década de 1970, quando afirma que “parece que o lado transgressor, rebelde, daquele momento, foi incorporado como amostra de sua criatividade, mas domesticado na linguagem da indústria cultural” (Bosi, 2021, p. 286). Assim, é possível compreender que esse desregramento, atua quase como uma relação sinonímica para a obra de Piva. Nota-se o surgimento dessa ideia desde o seu primeiro manifesto *Bules, Bîlis e Bolas* (1962), que convida a todos a se entregarem à “dissolução e ao desregramento. A vida não pode sucumbir no torniquete da Consciência. [...] nos associamos com a Liberdade” (Piva, 2023, p. 131).

## CONCLUSÃO

Dessa forma, com este trabalho, em seus primeiros passos, pretendemos aprofundar a compreensão da poesia de Roberto Piva, que desafia convenções linguísticas, políticas e sociais, enquanto critica instituições de poder e explora a sexualidade em busca de novas interpretações. Através dessa abordagem, o poeta cria uma voz literária que enfrenta e estimula a reflexão crítica,



oferecendo uma perspectiva distinta e multifacetada da condição humana. Essa perspectiva é marcada pela forma como Piva utiliza o corpo como um instrumento de resistência, evidenciando as tensões entre desejo e repressão, especialmente no contexto da ditadura militar no Brasil, onde o corpo homoerótico se torna uma figura subversiva, desafiando as normas impostas pelo regime.

Conectado a essa questão, visamos aprofundar as reflexões para melhor situar esse homolórico enquanto homoflaneur, uma nova categoria para os estudos literários, que amplia as possibilidades de discussão sobre a liberdade sexual e a apropriação do espaço urbano. O conceito de homoflaneur, inspirado no flâneur de Walter Benjamin e na flâneuse de Lauren Elkin, nos ajuda a entender como a figura do poeta se move na cidade, buscando encontros e experiências que reconfiguram seu lugar no mundo.

Por fim, através deste estudo, buscamos lançar luz sobre as conexões entre corpo, linguagem, sociedade e identidade, mostrando como a poesia piviana ressoa de maneira impactante desde sua fundação até o presente, instigando a crítica aos dispositivos de poder que regulam a vida cotidiana e as relações humanas. Essa ressonância evidencia a relevância da obra de Piva em contextos contemporâneos, reforçando a necessidade de um olhar atento às vozes que desafiam os padrões normativos e reivindicam espaço na literatura e na sociedade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRIGUCCI, Davi Jr. A poesia de Roberto Piva. *In: O Guardador de segredos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a modernidade: o pintor da vida moderna*. Trad. Teixeira Coelho. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1996.

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo. Obras escolhidas III*. Trad. José Carlos Martins Barbosa; Hemerson Alves Baptista. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1989.



BOSI, Viviana. Poesia em risco nos anos 1970; Apontamentos: trilhas da arte em transição. *In: Poesia em risco: Itinerários para aportar nos anos 1970 e além*. São Paulo: Ed. 34, 2021.

COHN, Sergio. **Roberto Piva**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

ELKIN, Lauren. **Flâneuse: mulheres que caminham pela cidade em Paris, Nova York, Tóquio, Veneza e Londres**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Ed. Fósforo, 2022.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade I: A vontade de saber**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. São Paulo: GRAAL Ltda., 1999.

FRIEDRICH, Hugo. **Estrutura da lírica moderna: da metade do século XIX a meados do século XX**. Trad. Marize M. Curioni; tradução das poesias por Dora F. da Silva. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

PAZ, Octavio. **A Dupla Chama: Amor e Erotismo**. Trad. Wladir Dupont. São Paulo: Editora Sisciliano, 1994.

PÉCORA, Alcir. A epopeia bélico-amorosa de Roberto Piva. *In: Morda meu coração na esquina – poesia reunida*. São Paulo: Companhia das Letras, 2023. p. 15 -36.

PIVA, Roberto. **Morda meu coração na esquina – poesia reunida**. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

RIMBAUD, Arthur. **Antologia poética**. Trad. Afonso Henrique Neto. Rio de Janeiro: 7Letras, 2020.